

Deputado operário aprende política na Constituinte

Dora Tavares de Lima

De **short**, camiseta e sandálias tipo havaiana, **Mílson** é saudado pelos amigos que se reúnem em torno de muita cerveja e um violão num bar do Parque Curicica, em Jacarepaguá.

— Como é que é, garotinho, o negócio está esquentando lá em cima, né?

Mas o tom amistoso logo cede lugar às cobranças e, em segundos, o deputado federal Edmilson Valentim (PC do B) se vê no centro de um bombardeio de protestos contra o desempenho da Assembléia Nacional Constituinte.

— Não acredito nem um pouco nessa Constituinte — proclama o tecelão aposentado Manuel Messias.

— São todos conservadores, você é apenas uma peça no jogo, não vai ter vez — prevê Cleiber de Oliveira, inspetor de qualidade numa empresa de processamento de dados.

Edmilson tenta explicar que “fazer política não é com quem a gente quer, mas com quem a gente pode”, mas não consegue convencer seus amigos brizolistas de que o PC do B já rompeu com o governo federal nem justificar o ainda cobrado apoio a Moreira Franco. Esse foi o primeiro contato de Edmilson com seu “habitat natural”, como gosta de se referir aos subúrbios do Rio, depois de um mês em Brasília.

Do dia 1º de fevereiro até agora, Edmilson viveu momentos de decepção e de absoluta perplexidade na Constituinte, mas confessa que aprendeu como nunca em seus 23 anos de vida. Ficou decepcionado no primeiro dia, quando pensou que na instalação da Constituinte os líderes fariam da tribuna para o país sobre os ideais de seus partidos para a nova Constituição:

“No lugar disso, ouço um discurso do presidente do Supremo Tribunal. Com todo o respeito, ninguém tinha interesse em saber o que ele pensava sobre a Constituinte.”

Na primeira votação, o ex-auxiliar de inspetor de qualidade da metalúrgica suíça Sulzer do Brasil ficou perplexo e não entendeu nada quando Ulysses Guimarães balbuciou qualquer coisa ao microfone da Mesa Diretora e deu por aprovada a questão, que Edmilson nem se lembra qual era. Do que Ulysses disse, distin-

giu apenas a frase “permaneçam como estão” e achou melhor não se mexer.

Aprendeu também que quem quer falar não pode simplesmente se inscrever e ficar sentado no fundo do plenário esperando a vez. “Tem que ir lá fazer barulho, mostrar que sabe qual é a sua vez”, diz Edmilson, que aprendeu a lição depois que passou uma sessão inteira quietinho, sentado na última fileira, à espera do chamado que não veio. “Quando fui reclamar, os caras ainda queriam me convencer que eu não tinha ouvido chamarem meu nome”, conta.

Depois de um mês, durante o qual passou noites em claro debruçado sobre a proposta de regimento interno da Constituinte, Edmilson está mais à vontade em Brasília, diz que conseguiu vencer parte de sua timidez natural e não fica mais no fundo do plenário: “Vou para o bolo, junto com os outros”.

Nesse “bolo” confessa que por vezes se sente “improdutivo” e recorre à comparação com seu trabalho na fábrica para explicar: “O trabalho do operário aparece de imediato, na política o resultado é mais demorado e depende de muita conversa”.

Aos poucos Edmilson aprende a adaptar sua postura combativa de militante sindical ao jogo de cintura necessário ao parlamentar e não concorda com o líder do PT, Luís Ignácio Lula da Silva, quando Lula pretende comparar a Constituinte a uma assembléia de metalúrgicos, dizendo que no sindicato tudo se resolve com maior rapidez.

O deputado comunista, filho de dona Angelina e seu Durval, gente humilde, sabe também que sua realidade social mudou e a ela também procura adaptar-se. Ao único terno que levou para Brasília — na diplomação dos eleitos em dezembro vestiu terno e gravata pela primeira vez — já juntou outros quatro que mandou fazer num **double** de alfaiate e funcionário da Câmara a Cz\$ 1 mil 300 cada.

As atividades sociais, até agora limitadas a uma festa no clube do Exército para comemorar o Dia Nacional do Kuwait, serão incrementadas, incluindo uma ida em breve ao elegante Florentino do qual Edmilson ouviu falar que “é assim tipo Regine’s”. Outro projeto extra-Constituinte é a compra de um carro “o mais rápido possível”.



Edmilson (D) tem que explicar o que faz em Brasília